



**V CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
VI SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
V CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

ORDEM PATRIARCAL DE GÊNERO E RELAÇÕES SOCIAIS DE SEXO

**VIOLÊNCIA ARMADA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS: PERFIL
DOS AUTORES E DAS VÍTIMAS**

Eduardo Cechin da Silva¹
Jaina Raqueli Pedersen²

Resumo: Esta publicação tem por objetivo identificar o perfil dos autores e das vítimas da violência armada nas escolas brasileiras, com a finalidade de subsidiar o desvendamento do fenômeno por parte das/os assistentes sociais e profissionais da educação. Foi empregada pesquisa documental de jornais, sob abordagem qualitativa dos dados tabulados e analisados. Com uma amostragem de 80 publicações de jornais, foi possibilitado evidenciar a ocorrência de 40 episódios, com 44 autores, todos do sexo masculino, bem como, 193 vítimas, dessas 41,3% eram do sexo feminino. Constatou-se, por fim, a contribuição do trinômio capitalismo-racismo-patriarcado para este tipo de violência escolar.

Palavras-chave: Violência Escolar; Violência Armada; Violência de Gênero.

Abstract: This publication aims to identify the profile of the perpetrators and victims of armed violence in Brazilian schools, in order to help social workers and education professionals understand the phenomenon. Documentary research of newspapers was used, with a qualitative approach to the data tabulated and analyzed. With a sample of 80 newspaper publications, it was possible to highlight the occurrence of 40 episodes, with 44 perpetrators, all male, as well as 193 victims, 41.3% of whom were female. Finally, it was found that the trinomial capitalism-racism-patriarchy contributes to this type of school violence.

Keywords: School Violence; Armed Violence; Gender Violence.

1 INTRODUÇÃO

Os resultados parciais deste trabalho fazem parte da pesquisa em andamento “Violência armada nas escolas: uma análise crítica do fenômeno”. O objetivo do trabalho consiste em identificar o perfil dos autores e das vítimas da violência armada nas escolas brasileiras, a fim oferecer subsídios que contribuam para o desvendamento deste fenômeno, principalmente para profissionais da educação, entre eles, as/os assistentes sociais. Por gerar obstáculos para a educação brasileira, o estudo do tema é de fundamental

¹ Aluno de Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal do Pampa - Campus São Borja, bolsista PROBIC/FAPERGS do Laboratório de Estudos e Pesquisas Transfronteiriças em Cartografia Socioambiental (LEPETRACS), voluntário na pesquisa “Violência armada: uma análise crítica do fenômeno”, eduardocechin.aluno@unipampa.edu.br.

² Professora Associada da Graduação em Serviço Social e Professora Permanente do Mestrado Acadêmico em Serviço Social e Proteção Social da Universidade Federal do Pampa - Campus São Borja, mestre e doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, jainapedersen@unipampa.edu.br.



importância, o que demanda conhecimento da realidade para que ações de prevenção e enfrentamento destas situações sejam planejadas e executadas de forma eficaz.

O trabalho tem como orientação o método dialético crítico e na metodologia foi empregada pesquisa documental, com abordagem qualitativa dos dados, tendo como fonte, matérias jornalísticas de diferentes veículos de comunicação brasileiros. Com isto, foram tabuladas e analisadas oitenta (80) publicações, em média, de duas (2) a três (3) matérias por evento de violência armada nas escolas brasileiras.

As etapas da pesquisa foram constituídas de: 1) revisão bibliográfica e documental sobre os temas da “violência armada”, “violência escolar” no contexto brasileiro; 2) busca em jornais eletrônicos do que vem sendo denominado no Brasil de ataques, chacinas e/ou massacres escolares; 3) tabulação de dados sobre o ano, local, tipo de escola, arma utilizada, descritor do “sexo” das vítimas, características de “sexo” e faixa-etária dos autores e o motivo para tais atos violento. Neste sentido, foram identificados quarenta (40) episódios de violência armada nas escolas durante o período compreendido entre agosto de 2001 e março de 2024.³ Deste total, 57,5% dos casos, ou melhor, vinte e três (23) dos quarenta (40) ocorreram nos quatro últimos anos.

O conteúdo deste trabalho é constituído por duas seções, a primeira é composta pela explicação da violência armada como reflexo da formação sócio-histórica do Brasil, ou seja, enquanto égide para edificação do capitalismo, do patriarcado e do racismo brasileiro. Também, serão expostos e analisados os números referentes aos estados em que estes eventos ocorreram, tal como a possível relação com a presença da extrema-direita nos mesmos; bem como as ações estatais para combater a violência armada nas escolas brasileiras.

Na última seção, estuda-se a relação do perfil dos autores e das vítimas desta violência, refletindo sobre algumas de suas principais determinações, com destaque para o trinômio capitalismo-racismo-patriarcado, o qual vêm sendo reproduzido historicamente pelo conjunto de relações sociais, contando com o apoio midiático, político e, mais recentemente, com a ação de grupos extremistas, a exemplo, dos *incels*, que incitam diversas formas de violência, principalmente a violência armada nas escolas, com ênfase a presença da violência de gênero nesta, de forma a limpar da sociedade aqueles que não seguem os papéis socialmente atribuídos.

2 VIOLÊNCIA ARMADA NA FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO BRASIL

³ Esta delimitação temporal remete desde o primeiro ocorrido da violência escolar discutida ao último no tempo da elaboração deste trabalho.



Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), a violência pode ser entendida da seguinte forma: 1) violência coletiva, relacionada a atos cometidos por grupos, sendo subdividida em social (crime organizado, atos terroristas, linchamentos, entre outros), política (guerras e práticas de extermínio) ou econômica (em vista da obtenção de lucro); 2) violência interpessoal, estando no âmbito das relações cotidianas, subdividindo-se em familiar (praticada por parentes e companheiros) e comunitária (realizada por estranhos ou conhecidos); 3) violência autoinfligida, remete àquelas executadas contra si, a exemplo da automutilação e da tentativa de suicídio (Krug *et al.*, 2002).

Tais violências podem ser concebidas a partir de uma leitura “macro” e “micro”. A primeira é em maior escala, quando inflige um grupo de pessoas, sendo organizada, como massacres escolares; e não-organizadas, como o caso de uma “grande fome”. Em contrapartida, a violência micro refere-se a cotidiana e em menor escala, presente nas relações interpessoais entre os indivíduos, por exemplo, o bullying, abarcando a agressão verbal e/ou física (Pedro-Silva, 2014).

“Desde o surgimento das sociedades de classes, ainda anterior ao capitalismo, a violência é instrumento de disciplinamento e enquadramento dos sujeitos aos sistemas vigentes” (Dantas, 2023, p. 39). Contudo, é no capitalismo que a violência se torna indispensável para constituição do mesmo, ao contribuir para a estruturação das relações baseadas nas desigualdades de classe, raça e gênero do sistema capitalista, heteropatriarcal e racista da modernidade (Dantas, 2023), bem como pelas questões de geração e “deficiência”.

Percebe-se a crueldade disposta na violência da cultura brasileira desde cedo, com o uso de ferramentas para práticas sádicas, com o intuito de submeter pessoas a ordem, repercutindo na transição da acumulação primitiva para a capitalista no Brasil, especialmente contra os povos originários e africanos escravizados à época (Ribeiro, 2015). Assim, erguendo-se o trinômio capitalismo-racismo-patriarcado, parte fundamental da estrutura brasileira, onde desde a edificação do Brasil, instalou-se uma hierarquização entre “homens héteros brancos” frente ao “outro” através da violência armada.

“Nessas condições históricas específicas, que surgiu, ‘com as mãos banhadas de sangue’, a figura do capitalista e com ele, a figura do trabalhador assalariado” (Alves, 2007, p. 39). Por esta e outras razões, é que se estabelece uma sociedade armada, fazendo da difusão das armas, do conflito armado e da violência física nas relações pessoais, parte integrante da formação e do funcionamento da sociedade brasileira (Almeida, 2015).

Cabe destacar, ao tratar da violência armada nas escolas, que não há um consenso entre os pesquisadores, do ponto de vista conceitual, sobre os tais incidentes, alguns classificam enquanto “violência extrema em escolas” (Vinha *et al.*, 2023), “tiroteios escolares” (Khozam; Miziara, C.; Miziara, I., 2022), assim como nas matérias jornalísticas,



tais episódios são qualificados como ataques, chacinas e/ou massacres escolares.

Contudo, a terminologia doravante usada na pesquisa conduz a uma leitura mais ampla e profunda desta forma de violência escolar, possibilitando fazer conexões com a formação sócio-histórica do Brasil, do “início” à modernidade.

No passado, a violência armada era exclusivamente analisada e descrita sob o contexto dos conflitos armados das Guerras Mundiais, mas com o atual cenário das discriminações raciais, étnicas e religiosas, o fácil acesso ao porte de armas, surge a interconexão entre “conflitos armados, violência armada, terrorismo e criminalidade organizada”. (Souza, 2014, p. 96).

Por causa disso, nasce a necessidade de desenvolver uma conceituação pujante sobre o tema (Souza, 2014), que é elaborada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), como:

[...] o uso ou ameaça de uso de armas para infligir ferimentos, mortes ou danos psicossociais, os quais prejudicam o desenvolvimento. Para legisladores, a perspectiva da violência armada oferece uma visão mais ampla do que apenas relacionado aos conflitos armados, ao incluir situações de crime violento crônico e violência interpessoal. Em razão que, a violência armada sob contextos que não existe conflito, esta pode ter mais impacto na segurança e no desenvolvimento do que em sociedades afetadas pela guerra (OCDE, 2009, p. 13, tradução nossa).⁴

A mesma abrange vários tipos de violência que envolvam o uso de arma branca, de fogo, bombas caseiras e/ou produto inflamável, com a finalidade de prejudicar a integridade física ou psíquica de uma ou mais pessoas, considerando a “violência armada nas escolas”, um espectro desta conceituação.

Diante do qual, Ristum (2010) elabora que a violência escolar pode ser dividida em três formas: 1) Violência contra a escola, a qual ocorre por meio da desvalorização e empobrecimento da categoria profissional dos professores, tal como atos cometidos contra a estrutura escolar; 2) Violência da escola, que é praticada, grandemente, pela violência simbólica, onde o professor é, ao mesmo tempo, alvo e autor, o que torna-se um hábito; 3) Violência na escola, referente a violência física, psicológica e sexual, praticada por diferentes indivíduos.

De acordo com Souza (2022), com a disponibilização das armas, os diferentes tipos de violência se dispersaram e se inovaram no cotidiano brasileiro, fazendo com que tais ferramentas tenham a possibilidade de estar presentes sob dois contextos escolares: quando o aluno leva a arma de fogo para mostrar e se gabar aos amigos; e quando esta é usada em um ato de violência. Ambos contextos se encontram no primeiro episódio deste

⁴ [...] the use or threatened use of weapons to inflict injury, death or psychosocial harm, which undermines development. For policy makers, the armed violence perspective offers a broader view than armed conflict alone by also including situations of chronic violent crime and interpersonal violence. This is because armed violence in non-conflict settings can have as significant an effect on security and development as it does in societies affected by war (OCDE, 2009, p. 13).



ano, quando um grupo de adolescentes manuseavam, no banheiro de uma instituição pública de educação, uma arma de fogo, acidentalmente baleando o pé de um deles (Ribeiro, 2024).

Sob este roteiro, a “violência armada nas escolas” se enquadra como o tipo de violência que ocorre na escola, pois é cometida propositalmente ou, raras vezes, acidentalmente, contra pessoas que trabalham, estudam ou que estejam no local. Optar por incluir atos em que não houve intenção, tem por finalidade, reportar a influência externa dos valores socioculturais da formação brasileira como propulsores e causadores da legítima “violência” em circunstâncias que não há intenção de matar.

Como já referido anteriormente, a pesquisa identificou a existência de quarenta (40) ocorrências de violência armada dentro de instituições educacionais do Brasil, no período de agosto de 2001 a março de 2024, destes, 57,5% ocorreram entre 2020 e 2024; de 2010 a 2019 foram presenciados 32,5% dos casos, seguido pela década de 2001 e 2009, sendo palco de 10% dos atos.

Ao considerar a geografia brasileira, dos vinte e seis (26) estados brasileiros, quatorze (14) tiveram pelo menos uma (1) ocorrência de violência armada nas escolas, sendo que os territórios que mais tiveram casos foram: São Paulo com onze (11); Bahia e Espírito Santo com quatro (4); Minas Gerais e Rio de Janeiro com três (3); Ceará, Paraná e Santa Catarina com dois (2); Amazonas, Maranhão, Paraíba, Piauí e Rio Grande do Sul com um (1) incidente.

Relacionando estes territórios com a adesão político-partidária durante as eleições de 2018 e 2022, com base na elaboração de Mali (2022) sobre os dados fornecidos pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE); dos quatorze (14) estados citados, oito (8) foram líderes de votos para Bolsonaro durante os distintos anos, enquanto um (1) desses liderou na primeira eleição, mas não na última. Em estados liderados pelo eleitorado de Lula também ocorreram episódios de violência armada nas escolas, porém em menor proporção. Vale sublinhar que esta relação aqui apresentada não pode ser pensada de forma imediata e isolada, pois vários outros fatores constituem a complexidade do tema em questão. De qualquer forma, é uma informação importante e que precisa ser considerada.

Durante o governo de Bolsonaro, a segurança pública foi operacionalizada estatalmente através da militarização e do armamento da população brasileira, sendo concebida sob aspectos individualistas e repressivos, reproduzindo a superioridade social do grupo hegemônico – posto a necessidade de sua proteção, do “cidadão do bem” – impactando na vitimização e vulnerabilização das mulheres. Aponta-se que 50% das mulheres assassinadas foram alvos de armas de fogo, seguido por armas brancas com 27% (Instituto Sou da Paz, 2022).

As falas pró-armas proferidas por Bolsonaro e seus aliados onde quer que



estivessem, acarretaram aos adentros do seu mandato presidencial, ao serem criados trinta e quatro (34) Decretos e treze (13) Portarias, com a finalidade de liberar, facilitar e flexibilizar, ainda mais, o porte de armas de fogo e de suas munições para a população brasileira (Oliveira, 2022).

Essa prática compactua com os interesses empresariais, a qual torna os deveres estatais de proteção social em proteção individual por meio do mercado. Confirmando a despreocupação com os “problemas sociais”, intensificada pela centralização dos Ministérios, os quais perdem a sua capacidade de debater e informar a população, em face de que a fidelidade está acima da verdade, bem como a obediência está acima das questões nacionais (Fontes, 2019).

Referente às dependências administrativas das escolas afetadas, as estaduais tiveram 47,5% experiências do tipo, seguidas pelas municipais com 35% e as particulares, que foram lugar de 17,5% dos casos.

Tais fatos vão contra a pauta defendida pelo Serviço Social, que a mais de uma década está a frente da campanha pelo investimento de 10% do PIB na educação pública (CFESS, 2014), luta que, paulatinamente, se distancia do debate, por causa da privatização das responsabilizações estatais advindas da gestão genocida do último governo.

Como estratégia de enfrentamento da violência armada nas escolas, o atual governo federal, visando evitar ataques, chacinas e/ou massacres escolares, propôs no ano passado, em parceria com a SaferNet, um canal de denúncias específico a ameaças de violência armada nas escolas, chamado Escola Segura, uma das ações da Operação homônima (MJSP, 2023b).

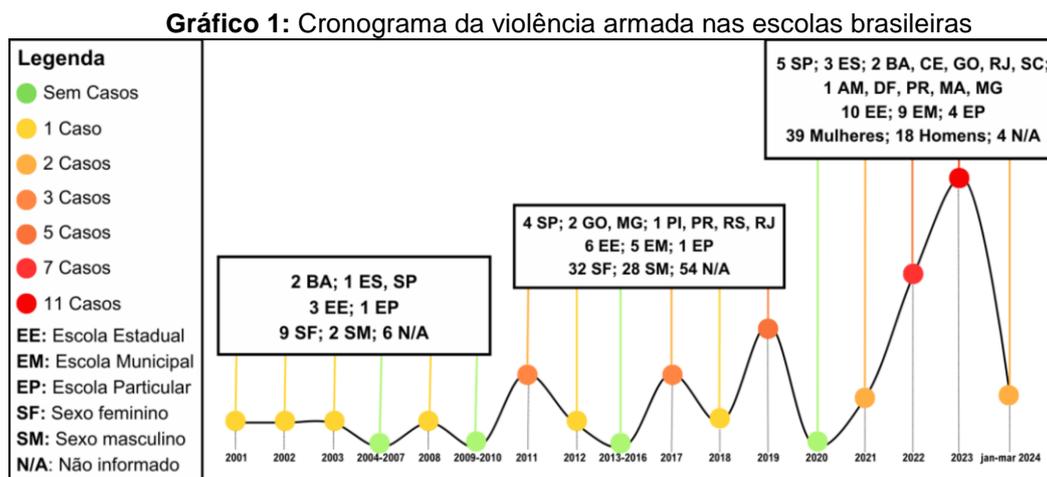
Na página do canal de denúncias avistam-se dois campos de respostas, que o denunciante preenche anonimamente, um referente ao local virtual do site em que as ameaças se encontram, e o outro requer informações geossociais, com nome da possível escola a ser palco da violência, seu município e estado (MJSP, 2023a).

3 AUTORES E VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA ARMADA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

Constata-se no Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2023, que os números de “mortes violentas intencionais” foram menores em 2022 comparados aos de 2021. Contudo, tais dados não devem gerar a falsa sensação de que os brasileiros estariam cada vez menos a conceber a violência como a forma mais eficaz de resolver conflitos. Longe disso, o total de 47.398 assassinatos durante o ano retrasado, mostram estatisticamente o quão violenta a sociedade brasileira continua sendo e as razões disso devem ser desvendadas.



Para tanto, propõe-se nesta seção revelar as características da violência armada nas escolas, no que tange a relação entre os valores socioculturais brasileiros e os perfis dos autores e vítimas deste tipo de violência supracitada, a fim de desmistificar as apreensões imediatas que geralmente se tem quando imaginado-o empiricamente. Por ser uma pesquisa em andamento que analisa um fenômeno em exponencial crescimento, não se pretende dizer que as características e os dados que podem ser visto no Gráfico 1 abaixo, sejam definitivas:



Fonte: elaboração própria com base em referencial documental

Das cento e noventa e três (193) vítimas feridas e assassinadas, 41,5% foram identificadas como do sexo feminino, enquanto 33,1% não tiveram suas informações divulgadas e 25,4% eram do sexo masculino. Em contraponto, ao que se refere ao perfil dos quarenta e quatro (44) autores desses atos infracionais, todos foram identificados como sendo do sexo masculino. O primeiro episódio de violência armada escolar no Brasil ocorreu em agosto de 2001, em Macaúbas, na Bahia, e ilustra o perfil aqui mencionado, ou seja, das sete pessoas feridas por um jovem agricultor, quatro (4) eram alunas e uma (1), era professora (Francisco, 2001). Verifica-se que as mulheres são as mais acometidas pela violência escolar, até porque compreendem 77,5% dos educadores do ensino fundamental, médio e superior (Inep, 2022 *apud* Ministério da Educação, 2023). Confirmado pelo total de professores feridos e mortos por este tipo de violência escolar, onde docentes do sexo feminino correspondem a 85% dos mesmos.

Pertinente a discussão, Saffioti (2015) enfatiza que a violência de gênero, mesmo podendo ser praticada entre pessoas do mesmo sexo, inevitavelmente, devido ao caldo da cultura brasileira, a falocracia, ou seja, a defesa da superioridade masculina na sociedade, faz com que as mulheres sejam as mais afetadas.

Traduzindo aos episódios de violência armada nas escolas brasileiras em que o objetivo era se vingar contra pessoas do sexo feminino, o histórico desses começa com o



segundo ocorrido desta natureza, quando duas (2) vítimas de 15 anos foram assassinadas a tiro após o autor da mesma idade, prometer vingança contra elas, em razão de ter se sentido ridicularizado pelas mesmas durante uma gincana escolar (Francisco, 2002).

Ano passado repercutiu a tentativa de chacina escolar em São Paulo, quando um aluno de 13 anos, notado por seu comportamento nocivo e divulgação de fotos autodivulgadas com armas de fogo, esfaqueou três (3) professoras e um (1) colega, resultando na morte da docente que teria advertido ele por ter feitos comentários racistas contra um discente negro (G1 SP; TV Globo, 2023).

Em distinto episódio, que resultou na morte adicional de outra jovem, o perpetrador “decidiu atirar na adolescente porque ela não correspondia aos seus sentimentos” (Rodrigues, 2017, local. 1). Independente de não ter acometido fisicamente às mulheres, mas que entra no tema discernido, em outro momento, um adolescente de 17 anos atirou em dois (2) colegas da mesma idade, com intenção de assustar duas (2) alunas que não haviam correspondido amorosamente a este (Ribeiro, 2019).

Analisando o específico quadro histórico acima descrito, com base em Pedro-Silva (2014), a modernidade situa a todos num contexto de diferenciação entre valores morais como coragem, dignidade, fidelidade e respeito, tal qual valores não-morais como beleza, status financeiro e social, podendo a violência ser vista enquanto um instrumento de ascensão social e recomposição de uma autoimagem ideal.

A vingança enquanto motivo foi observada nos episódios em que a maioria dos alvos eram mulheres, devido a rejeição social e amorosa por parte delas e/ou pela influência de grupos misóginos, alicerçando-se a “uma sociedade que exerce influência sobre os jovens do sexo masculino, incentivando-os a se tornarem violentos para provar sua masculinidade e, assim, se sentirem valorizados” (Khozam; Miziara, C.; Miziara, I., 2022, p. 81).

Massificados pela publicidade infantojuvenil, ao reproduzir papéis socialmente construídos, no sentido de atribuir padrões de beleza e de comportamento, estimulando crianças a associarem estes ao modo ideal de ser, análogo a personalidade delicada, atraente e “perfeita” da princesa para as meninas, enquanto a retórica da violência física, da masculinidade heteronormativa, agressiva, com base nos super-heróis, praticantes da justiça com as próprias mãos, são direcionadas para os meninos (Dias, 2020).

Um herói violento como o Exterminador do Futuro parece representar as características que as crianças consideram necessárias para resolver situações difíceis. [...] a violência na tela se torna atraente como um modelo para resolver os problemas da vida real e, portanto, contribui para uma cultura pautada pela agressividade, em nível global (Andi, 2012, p. 7).

Passa-se despercebido, cotidianamente, a menção acima, que pode se tornar uma



metáfora na realidade, quando adolescentes imbuídos por tendências extremistas, costumam associar tais padrões como deveres entre “azul e rosa”, meninos e meninas, a serem seguidos. Estas últimas, se não estando de acordo com os preceitos capitalistas, eurocêntricos e heteropatriarcais, são alvos desses autodenominados “super-heróis”, que constituídos de “gentileza” e “romanticidade”, devem praticar justiça com as próprias mãos, ao tentarem exterminar pessoas, que ao seu ver, não cumprem as exigências do seu “sexo”.

Entretanto, culpabilizar unicamente a persuasão midiática e publicista, seria retirar do debate da cultura do consumo, a forte predominância política da extrema-direita, que conforme Dias (2020) denota, glamouriza a violência com o auxílio do seu gesto simbólico, o qual é repetido por muitas crianças, que simulam uma arma com os dedos, fazendo com que estratégias como a citada, tenham por objetivo atacar minorias políticas.

Com relação a idade dos autores de violência armada nas escolas – usando o padrão da “pirâmide etária” do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – esquematizou-se o seguinte: em primeiro lugar, com 47,7% está a faixa etária dos adolescentes de 15 aos 19 anos; seguido por 31,8% de sujeitos em crescimento e desenvolvimento, de 10 a 14 anos; 9% de jovens adultos, com 20 a 24 anos; com menos estão, os autores de 25 a 29 anos, que constituem 4,5%; enquanto com apenas 2,2%, está apenas um (1) autor entre 50 a 54 anos.

Desse modo, a maioria dos perpetradores estão na fase da adolescência, a qual é vista como um período biopsicossocial, em que as mudanças biológicas, cognitivas e sociais, repercutem nas relações sociais, existindo várias adolescências mediante o aspecto social e histórico do sujeito, ou seja, formas variadas de vivê-la, sendo a escola, proporcionadora de recursos que são aproveitados diversificadamente (Schoen-Ferreira; Aznar; Silves, 2010).

O desenvolvimento múltiplo faz com que estes sujeitos sejam os mais vulneráveis aos conteúdos disseminados pelas tecnologias digitais e informacionais, que desempenham papel fundamental na organização da (re)produção social. As quais são consumadas pela hegemonia capitalista, pois a ideologia dominante é a da classe burguesa, que constitui seus aparatos de dominação hegemônica, em prol de capturar a subjetividade humana e manipular o indivíduo social (Marx; Engels, 1998).

Na contemporaneidade, com o avanço tecnológico, os valores culturais tradicionais se infiltram em quaisquer cantos da internet, especialmente através de comunidades, fóruns e páginas virtuais em lugares como *Discord*, *Reddit* e *Telegram*. Onde sujeitos de qualquer idade podem habitar, trocar ideias, serem manipulados, ainda mais, se repletos de vulnerabilidades, a exemplo, de baixa autoestima, conflitos domésticos e transtornos mentais, que procuram por cúmplices em grupos, onde possam ser entendidos e “aceitos”.



Um destes cantos, são lugares onde os *incels* vagam em comunidades privadas na internet, denotado por Vinha *et al.* (2023), a expressiva presença destes ocorre nas TCC (True Crime Community), uma coletividade de diferentes indivíduos interessados pela discussão de crimes reais, dando ênfase a ataques nas escolas.

No início, os *incels* eram parte de um grupo cibernético, criado no final do século passado, que propunha ser inclusivo e que auxiliaria diferentes indivíduos com problemas de manter relacionamentos, o que, infelizmente, tomou outro rumo, agora dominado, majoritariamente, por homens héteros, brancos e solitários, defensores e praticantes de valores extremistas (Ruffo, 2021).

Hoje em dia, existe uma contradição nas crenças defendidas por tais sujeitos, que o próprio capitalismo cria para manter edificadas as estruturas que o regem, por intermédio da alienação de sujeitos do sexo masculino, ao estimular

[...] a percepção de que todas as mulheres têm o poder de lhes proporcionarem a satisfação almejada, e que esta não ocorre por haver uma negação intencional, uma ruptura consciente de seus desejos com a intenção de prejudicá-los [...] Assim, ao mesmo tempo, a figura feminina permanece dotada de grandes poderes e intenções terríveis (Ruffo, 2021, p. 97).

Apesar disso, os autores de violência armada nas escolas do Brasil, não são apenas celibatários involuntários, mas também podem ter sido parte dos sub-grupo das TCC, tendo em vista, os *columbiners*, em sua maioria garotos, com interesse profundo pelo Massacre de Columbine⁵; os *fandons*, que veneram atiradores escolares; também, os *imitadores*, com o intento de reproduzir os atos violentos (Vinha *et al.*, 2023).

Opostamente a análise dos jovens perpetradores, o autor mais velho destes atos violentos era o único sujeito com vínculo empregatício na instituição de educação acometida. Tal como, foi um dos poucos ocorridos, onde o perpetrador não usou arma de fogo ou arma branca, ao invés, usou produto inflamável, isto é, galões de álcool combustível para atear fogo em alunos e professoras de uma creche (Lisboa; Pereira; Peixoto, 2017).

Diante do mencionado, “os ataques às escolas possuem um alto impacto midiático, servindo como estratégia de disseminação de práticas extremistas” (Ferreira; Santos; Oriente, 2023, p. 9), propiciando, com a contínua exposição de imagens, informações e vídeos sobre ataques, chacinas e/ou massacres escolares, eventos cometidos por sujeitos fora do quadro comunal dos autores da violência armada nas escolas do Brasil, a título de exemplo: crianças, indivíduos que se defendiam de agressões, sujeitos com esquizofrenia – análogo ao último episódio descrito –, jovens oprimidos por sua orientação sexual.

⁵ Incidente que ocorreu nos Estados Unidos, em 1999, quando dois alunos de um colégio americano de ensino médio, após meses orquestrando o ato, deixaram 15 mortos (incluindo os mesmos) e 21 feridos. O ato relembra o Massacre de Realengo, este que foi também o primeiro episódio que radicalizou no país, a violência escolar com intenção de matar (Vinha *et al.*, 2023).



Evidencia-se o mal remetido a saúde mental de sujeitos vulneráveis para além do desenvolvimento infantojuvenil, que assistem aos noticiários ou pesquisam sobre os fatos por curiosidade, assim, “os crescentes índices de violência urbana estimulam que crianças e adolescentes permaneçam mais tempo no interior das residências, abrindo espaço para um maior contato com a televisão [e com a internet], em detrimento de outros espaços de socialização” (Andi, 2012, p. 2).

Sob estas circunstâncias, o primeiro episódio influenciado pela divulgação, ocorreu dias após a repercussão nacional do Massacre de Realengo, quando um aluno perfurou outro colega mais velho com estilete, que o intimidava sistematicamente, sem ter intenção de matá-lo – o que não procedeu –, mas de se defender e parar com o abuso sofrido (Chechia, 2023; Vizeu, 2011).

Com a conotação direcionada ao gênero do alvo e a relação de poder entre crianças e adultos, professores e alunos, outro ocorrido, meses após o anterior ato violento discutido, se deu quando uma criança de apenas 10 anos, “tirou de sua casa a arma do coldre do pai, que é guarda municipal, e foi à escola. [...] pediu para ir ao banheiro e, ao voltar, disparou contra a professora. [...] Então o aluno saiu da sala, parou em uma escada, e apertou o gatilho duas vezes contra a cabeça” (Costa, 2011, local. 1).

Realizando um apanhado geral, a maioria dos autores da violência armada nas escolas brasileiras foram descritos como introvertidos, alvos de (cyber)bullying, alguns não eram vistos como detentores de comportamentos nocivos, já outros manifestavam tais comportamentos anteriormente aos incidentes, também houve um grande quantitativo dos que se inspiraram em massacres escolares brasileiros, altamente divulgados pela mídia e na internet. Observou-se que, diante do contexto político brasileiro conservador, neoliberal e profascista, cada vez mais os episódios desta violência são praticados com a intenção de matar pessoas socialmente designadas como mulheres.

Porém, dado seu caráter complexo e multidimensional, a violência cometida nas escolas do Brasil com o uso de instrumentos, são cometidos por diferentes atores sociais, com distintos contextos e histórias de vida. Logo,

[...] é um erro atribuir ao bullying ou aos games violentos os motivos para a ocorrência de uma violência dessa natureza. Primeiro porque nem toda vítima de bullying ou jogadores de games violentos estão propensos a cometerem os mesmos atos, segundo porque é preciso sempre informar às pessoas que o que faz alguém passar a um ato trágico como este é uma combinação complexa de fatores, não é possível atribuir uma causalidade única. Sabemos que o sofrimento e a angústia, especialmente dos familiares, faz com todos busquem respostas como forma de dar alguma explicação para uma dor que permanece indizível, onde faltam palavras (SaferNet, 2021, local. 1).

Sabe-se que inúmeras análises podem ser feitas a partir da singularidade desses ocorridos, até chegar a sua particularidade. Nesse quesito, a partir da implementação da Lei nº



13.935/2019, onde dispõe que a Educação Básica do país deva inserir na sua equipe de trabalhadores, os profissionais da Psicologia e do Serviço Social, as/os assistentes sociais têm a competência de fazer este *detour*, se incluídos nas instituições de educação – num trabalho interdisciplinar – com o uso de suas técnicas e instrumentos, para evitar que casos semelhantes aos discutidos ao longo deste trabalho, sejam acrescentados ao atual quadro de violência armada nas escolas brasileiras.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta publicação procurou identificar determinadas características da discussão em pauta, considerando os quarenta (40) casos deste tipo de violência no Brasil, sobretudo em relação ao perfil das cento e noventa e três (193) vítimas e quarenta e quatro (44) autores, propiciando evidenciar algumas das principais causas do fenômeno, revelando sua gravidade e complexidade.

Historicamente, a cultura brasileira é permeada por valores em que a violência é disposta, desde a edificação do país, no momento da escravização dos povos originários e dos africanos e negros, até a atual conjuntura, onde a privatização da proteção social é altamente defendida, isto é, a autodefesa através do porte de armas, imbuindo a população a crer nessa falácia, que camufla a intensificação da vulnerabilização de pessoas negras e, principalmente, mulheres, visto que a maioria dos feminícios ocorre por meio do uso de arma de fogo e, também, de armas brancas.

Isto afetada muito a consciência dos sujeitos em desenvolvimento e crescimento, visto a exponencial divulgação de ataques, chacinas e/ou massacres escolares pela televisão e pela rede de computadores. Que passam a crêr que a violência é a melhor opção para resolver problemas de sua vida. Correlacionado ao perfil dos autores da violência discutida neste trabalho, que são todos pessoas do sexo masculino, socialmente designados enquanto homens, tal como 47,7% são adolescentes entre 15 a 19 anos.

Ainda que nem todos tivessem sido captados por valores extremistas, a maioria era influenciado pela divulgação midiática em massa de episódios como o Massacre de Realengo, tal circunstância fez com que houvesse um exponencial crescimento da violência armada nas escolas brasileiras, especialmente casos com ênfase a violência de gênero.

Diante disso, foram tabulados e analisados as ocorrência dos episódios supracitados no que consiste agosto de 2001 a março de 2024, tendo seu pico a partir da presidência de Bolsonaro. Nota-se que os interesses do trinômio capitalismo-racismo-patriarcado são os principais porquês para o crescimento dos episódios de violência escolar com armas de fogo, brancas, bombas caseiras e/ou produtos inflamáveis, em virtude de os autores serem



todos do sexo masculino – ainda que sejam vítimas do sistema, dado o componente em algumas circunstâncias como a intimidação sistemática, o preconceito, a manipulação por comunidades virtuais – dos alvos terem sido, em sua maioria, do sexo feminino, da classe trabalhadora, tendo como motivações recorrentes: a aversão ao diferente, a inconformidade com decisões femininas, a concepção da violência enquanto mediadora de conflitos.

5 - REFERÊNCIAS

ANDI. **Mídia e Infância**: O impacto da exposição de crianças e adolescentes a cenas de sexo e violência na TV. Brasília: Andi - Comunicação e Direitos, 2012. 10 p.

ALVES, G. **Dimensões de Reestruturação Produtiva**: Ensaio de Sociologia do Trabalho. 2. ed. Londrina: Praxis, 2007. 288 p.

ALMEIDA, A. J. Sociedade armada: o modo senhorial de atuação no Brasil Império. **Museu Paulista**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 93-138, jul./dez. 2015.

BRASIL. **Lei nº 13.935/2019**. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. Diário Oficial da União, Brasília, p. 7, col. 1, 12 dez. 2019.

CFESS - CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. CFESS Manifesta: Encontro Nacional de Educação. **CFESS**, Rio de Janeiro, p. 1-2, 2014.

CHECHIA, G. Uma interrupção em um dia comum. **Revista Esquinas**, [S.], 19 mar. 2019. Disponível em: <https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/generos-jornalisticos/noticias/uma-interruptao-em-um-dia-comum/>. Acesso em: 14 mar. 2024.

COSTA, F. Tragédia na escola. **Istoé**, [S.], 23 set. 2011. Disponível em: https://istoe.com.br/162591_TRAGEDIA+NA+ESCOLA/. Acesso em: 14 mar. 2024

DIAS, J. S. R. Entre princesas, príncipes e armas. In: GUEDES, B.; CARVALHO, B. J. (Org.). **Infâncias, juventudes e debates emergentes em comunicação**. 1 ed. São Paulo: Pimenta Cultura, 2020. p. 191-218.

DANTAS, M. H. Violência na sociedade de classe: uma contribuição marxista. **Revista Interface**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 35-57, jan./jun. 2023.

FBSP - Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: FBSP, 2023. 357 p.

FERREIRA, V. de J.; S., M. S.; ORIENTE, S. B. O cenário da violência em destaque: discutindo os atuais ataques nas escolas de educação básica no Brasil. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 1-17, 2023.

FONTES, V. O profascismo e policialização da existência. **Marxismo21**, [S.], p. 01-08, 2019.



FRANCISCO, L. Agricultor de 18 anos invade escola na Bahia, fere 7 à bala e se suicida. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 06 ago. 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u34424.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2024.

FRANCISCO, L. Arma usada por estudante para matar colegas pertencia a seu pai. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 out. 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u61747.shtml>. Acesso em: 13 mar. 2024.

G1 SP; TV GLOBO. Ataque a escola em SP completa uma semana: o que se sabe até agora e os próximos passos da investigação. **G1**, São Paulo, 03 abr. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/04/03/ataque-a-escola-em-sp-completa-uma-semana-o-que-se-sabe-ate-agora-e-os-proximos-passos-da-investigacao.ghtml>. Acesso em: 13 mar. 2024.

INSTITUTO SOU DA PAZ. **O papel da arma de fogo na violência contra a mulher**: edição 2022. São Paulo: Instituto Sou da Paz, 2022. 32 p.

KHOZAM, K. T.; MIZIARA, C. S. M. G.; MIZIARA, I. D. Análise comportamental de atiradores em escola e bullying. **Saúde, Ética e Justiça**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 75-83, 2022.

KRUG, E.; DAHLBERG, L.; MERCY, J.; ZWI, A.; LOZANO, R. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. 1. ed. Geneva: Organização Mundial da Saúde, 2002. 351 p.

LISBOA, M.; PEREIRA, M.; PEIXOTO, Juliana. Segurança atea fogo em creche de Janaúba e mata crianças e professora. **G1**, [S.], 05 out. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/guarda-de-creche-em-janauba-ateia-fogo-em-criancas-deixando-mortos-e-feridos.ghtml>. Acesso em: 10 mar. 2024.

MALI, T. Leia onde Bolsonaro e PT ganharam e perderam votos de 2018 a 2022. **Poder360**, [S.], 9 out. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/leia-onde-bolsonaro-e-pt-ganharam-e-perderam-votos-de-2018-a-2022/>. Acesso em: 20 mar. 2024.

MARX, K; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 07-46, 1998.

MINISTÉRIO da Educação. Mulheres são maioria na docência e gestão da educação básica. Site do Governo Federal, [S.], 07 mar. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/dia-da-mulher-mulheres-sao-maioria-na-docencia-e-gestao-da-educacao-basica>. Acesso em: 20 mar. 2024.

MJPS - MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA. Canal de Denúncias Escola Segura. **Site do Governo Federal**, [S.], 20 jul. 2023. 2023a Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/canais-de-denuncias/escolasegura>. Acesso em: 08 mar. 2024.

MJPS - MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA. Lançada em abril, Operação Escola Segura já efetuou 400 prisões e apreensões. **Site do Governo Federal**, [S.], 03 out. 2023. 2023b. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/lancada-em-abril-operacao-escola-segura-ja-efetuou-400-prisoas-e-apreensoes>. Acesso em: 08 mar. 2024.

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **Armed Violence Reduction: Enabling Development**. 1. ed. Paris: OECD Publishing, 2009. 136 p.

OLIVEIRA, C. Após mais de 40 decretos de Bolsonaro, brasileiros compram 1.300 armas por dia. **Rede Brasil Atual**, São Paulo, 12 set. 2022.



PEDRO-SILVA, N. **Ética, indisciplina e violência nas escolas**. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 213 p.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Global, 2015. 369 p.

RIBEIRO, K. Aluno é baleado dentro do banheiro de colégio estadual em Alexânia. **Portal 6**, Goiânia, 28 fev. 2024. Disponível em: <https://portal6.com.br/2024/02/28/aluno-e-baleado-dentro-do-banheiro-de-colegio-estadual-em-alexania/>. Acesso em: 20 mar. 2024.

RIBEIRO, L. Ataque em escola de Minas faz lembrar massacres: veja como agiu o atirador. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 08 nov. 2019. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/11/08/interna_gerais,1099431/ataque-em-escola-faz-lembrar-massacres-veja-como-agiu-o-atirador.shtml. Acesso em: 13 mar. 2024.

RISTUM, M. Violência na escola, da escola e contra a escola. *In: Impactos da violência na escola: um diálogo com professores*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação; FIOCRUZ, 2010. p. 65-93.

RODRIGUES, A. Adolescente é morta a tiros dentro de sala de aula em Alexânia (GO). **UOL**, [S.], 06 nov. 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-brasil/2017/11/06/adolescente-e-morta-a-tiros-dentro-de-sala-de-aula-em-alexania-go.htm>. Acesso em: 13 mar. 2024.

RUFFO, E. S. **O Fenômeno Contemporâneo dos Incels: uma investigação psicanalítica**. 2021. 118 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual de Maringá, 2021.

SAFERNET. Nota sobre a cobertura de massacres em escolas. **SaferNet**, [S.], 07 maio 2021. Disponível em: <https://new.safernet.org.br/content/nota-sobre-cobertura-de-massacres-em-escolas> Acesso em: 16 mar. 2024.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado e violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015. 160 p.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. M. Adolescência através dos séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 227-234, abr./jun. 2010.

SOUZA, A. Violência armada nas escolas: porque os casos aumentaram? **Portal Lunetas**, [S.], 2022. Disponível em: <https://lunetas.com.br/violencia-armada-nas-escolas/>. Acesso em: 20 mar. 2024.

SOUZA, F. X. A evolução do conceito de violência armada. *In: Observare (Org.)*. **Janus 2014: metamorfoses da violência**. 1. ed. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2014.

VINHA, T.; GARCIA, C.; NUNES, C. A. A.; ZAMBIANCO, D. P.; MELO, S. G.; LAHR; T. B. S. **Ataques de violência extrema em escolas no Brasil: causas e caminhos**. 1. ed. São Paulo: D3e, 2023. 58 p.

VIZEU, R. Adolescente vítima de bullying mata colega a facadas no Piauí. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 abr. 2011. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2011/04/903464-adolescente-vitima-de-bullying-mata-colega-a-facadas-no-piaui.shtml>. Acesso em: 14 mar. 2024.